This is a open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution Licence

ARTIGO
DOI: 10.5216/rppoi.v21.74618
EDUCAÇÃO

QUANDO A "TEMPESTADE" NOS ATINGE: MEMÓRIA, FORMAÇÃO E SAÚDE MENTAL DE GRADUANDOS(AS) NA PANDEMIA DA COVID-19

WHEN THE "STORM" HITS US: MEMORY, EDUCATION, TRAINING AND MENTAL HEALTH OF UNDERGRADUATES IN THE COVID-19 PANDEMIC

CUANDO GOLPEA LA "TORMENTA": MEMORIA, FORMACIÓN Y SALUD MENTAL DE LOS ESTUDIANTES UNIVERSITARIOS EN LA PANDEMIA DE COVID-19

Francisca Eudésia Nobre Bezerra[1] - https://orcid.org/0009-0000-2694-7479
Helena Lima Marinho Rodrigues Araújo[2] - https://orcid.org/0000-0003-0838-9279

Resumo
O presente texto reflete sobre o ensino universitário no decorrer da pandemia da Covid-19, nos anos de 2020 e 2021, através da análise das memórias dos alunos e alunas do curso de Licenciatura em História da Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central, FECLESC/UECE, na cidade de Quixadá, Ceará. Partimos da seguinte indagação: como os discentes da disciplina de Didática do Ensino de História da FECLESC/UECE, lidaram com os estudos, na modalidade remota, no decorrer do isolamento social imposto pela pandemia? Refletimos também, sobre as interferências desse momento na formação da identidade docente desses futuros professores e professoras. Assuntos como memória, medo, morte, saúde mental e educação são discutidos a partir das contribuições de autores como, Le Goff (1994), Nobert Elias (1998), Jean Delumeau (2009), Regina Zilbermam (2020), Joel Candau (2012), dentre outros.
Palavras-chave: Educação. Saúde Mental. Morte. Pandemia.

Abstract
This text reflects on university teaching during the Covid-19 pandemic, in the years of 2020 and 2021, through the analysis of the memories of students of the History Degree course at the College of Education, Science and Language of Sertão Central, FECLESC/UECE, in the city of Quixadá, Ceará. We begin with

[1]Professora temporária do curso de História da Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central – Universidade Estadual do Ceará. E-mail: eudesia.bezerra@uece.br
[2] Professora Adjunta da Universidade Estadual do Ceará – UECE. E-mail: helena.marinho@uece.br

the following question: how did the students of the History Teaching Didactics discipline at FECLESC/UECE deal with their studies, remotely, during the social isolation imposed by the pandemic? We also reflect on the interference of this moment in the formation of the teaching identity of these future teachers. Subjects such as memory, fear, death, mental health and education are discussed based on contributions from authors such as Le Goff (1994), Nobert Elias (1998), Jean Delumeau (2009), Regina Zilberman (2020), Joel Candau (2012), among others.
Keywords: Education. Mental Health. Death. Pandemic

Resumen
Este texto reflexiona sobre la enseñanza universitaria durante la pandemia del Covid-19, en los años 2020 y 2021, analizando las memorias de los alumnos del curso de Licenciatura en Historia de la Facultad de Educación, Ciencias y Letras del Sertão Central, FECLESC/UECE, en la ciudad de Quixadá, Ceará. Partimos de la siguiente pregunta: ¿cómo lidiaron los alumnos del curso de Didáctica de la Enseñanza de la Historia de la FECLESC/UECE con sus estudios, en modalidad a distancia, durante el aislamiento social impuesto por la pandemia? También reflexionamos sobre el impacto que esto tuvo en la formación de la identidad docente de estos futuros profesores. Temas como la memoria, el miedo, la muerte, la salud mental y la educación son discutidos a partir de las contribuciones de autores como Le Goff (1994), Nobert Elias (1998), Jean Delumeau (2009), Regina Zilbermam (2020), Joel Candau (2012), entre otros.
Palabras clave: Educación. Salud Mental. Muerte. Pandemia.

Data de submissão: 20/08/2023
Data de aceite: 24/10/2023

Introdução

No final de 2019, o mundo foi surpreendido com o anúncio de um novo vírus[3], que estava causando pânico e mortes na China e preocupava a Organização Mundial da Saúde (OMS), por prever o potencial do vírus de causar uma grave crise sanitária mundial caso não fosse contido a tempo. De fato, a previsão dos cientistas se concretizou quando, no início de 2020, o vírus se espalhou pelo mundo, causando a pandemia de Covid-19[4].

Chegou ao Brasil em fevereiro de 2020[5], a partir de então, tem início todo um processo de combate e prevenção que culminou no primeiro decreto de isolamento social, em março do mesmo ano, e por consequência, em uma série de transformações sociais de adaptação a essa nova forma de convivência humana, jamais imaginada. Foi nesse processo de adaptação que surgiu o ensino remoto no Brasil para

[3]O vírus, pertencente à família dos coronavírus, surgiu em um mercado público na cidade de Wuhan, na China e no início de 2020 se espalhou pelas várias partes do mundo.

[4]Covid-19 é o nome dado a uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2. Ver In: https://coronavirus.msf.org.br/o-que-e-covid-19/

[5]Maiores informações In: Bueno, F.T.C., Souto, E.P., and Matta, G.C. Notas sobre a trajetória da Covid19 no Brasil. In: Matta, G.C., Rego, S., Souto, E.P., and Segata, J., eds. Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia [online]. Rio de Janeiro: Observatório Covid 19; Editora FIOCRUZ, 2021, pp. 27-39. Informação para ação na Covid-19 series. ISBN: 978-65-5708-032-0. https://doi.org/10.7476/9786557080320.0002.

minimizar as consequências desastrosas na educação.

Portanto, o presente texto reflete sobre a ensino universitário e a adaptação às condições sociais e educacionais impostas pela pandemia da Covid-19, através das memórias escritas de um grupo de alunos e alunas do curso de História, da Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central – Universidade Estadual do Ceará (FECLESC/UECE). As memórias datam do primeiro semestre, do ano de 2021, segundo ano da pandemia da Covid-19, causada pelo Coronavírus. Nesse sentido, são memórias de um momento de medo, de incertezas e de mudanças em vários sentidos e aspectos da vida humana.

Esse estudo surgiu a partir das inquietações oriundas desse contexto de transformações na rotina educacional do país, aqui focaremos no ensino superior. Naquele momento, algumas indagações eram persistentes a respeito de como esses alunos e alunas estavam vivenciando aquele momento tenso em suas vidas e como tudo isso estava reverberando nos seus estudos e desenvolvimento cognitivo, afinal, tratava-se de um curso de licenciatura em que estavam sendo formados para atuarem como professores e professoras do Ensino Básico. Desse modo, o objetivo desse texto é refletir, através das memórias, como os alunos e alunas da disciplina de Didática do curso de Licenciatura em História, da FECLESC/UECE, vivenciaram o início da sua formação em um momento delicado de saúde pública no país.

Estudos dessa natureza se tornam relevantes na medida que refletem sobre um momento histórico na educação brasileira, em que mudanças e transformações foram necessárias para atender as demandas educacionais e de saúde pública.

Metodologia

No período do isolamento social e momento das aulas remotas foi observado a necessidade que os alunos e alunas tinham de expressar suas emoções, sentimentos, seus medos, angústias e incertezas diante do momento delicado que viviam. Surgiu dessa observação, a ideia de proporcionar uma atividade de escrita em que tivessem a liberdade de narrar suas memórias através de textos, que foram registradas em julho de 2021, através de uma atividade desenvolvida com 38 alunos e alunas, com idades entre 17 e 20 anos, da disciplina de Didática do Ensino de História. A atividade foi denominada Baú de Memórias[6].

Através de um fórum na plataforma *Classroom,* foi solicitado que os discentes observassem o momento que estavam vivenciando, em plena pandemia da Covid-19, e registrassem suas memórias em um texto, contando como estava sendo para cada um e cada uma aquele momento tão difícil da sociedade, não esquecendo de contar um pouco de suas experiências enquanto estudantes do ensino superior na modalidade remota. A escrita passava por um exercício de imaginação, dessa forma, deveriam escrever pensando que aquelas memórias seriam fonte de informação para as pessoas do futuro, portanto, era necessário zelo para com as memórias e a escrita que seriam doadas ao Baú de Memórias.

Ao todo, foram 38 textos, que aqui utilizaremos como documentos, que abordam os mais variados assuntos, tais como, política, educação, emoções, sentimentos, comportamentos, dentre outros. Nesse momento, três anos depois e com o fim da pandemia decretado pelos órgãos competentes, essas memórias serão analisadas nesse texto considerando as especificidades de cada indivíduo que recorda. No pensamento de Verena Alberti (2004), a experiência de uma pessoa a torna um indivíduo único e singular, por aquilo que ele realmente viveu em nossa história,

[6]O termo Baú de Memórias também será utilizado para designar o acervo documental do qual faz parte as memórias utilizadas como fonte nesse texto – (Aos cuidados de Francisca Eudésia Nobre Bezerra).

"temos a sensação de que as descontinuidades são abolidas e recheadas com ingredientes pessoais: emoções, reações, observações, idiossincrasias, relatos pitorescos" (Alberti, 2004, p.14).

Resultados e Discussões

Considerando que "somente *Mnemosyne*, divindade da memória, permite unir aquilo que fomos ao que somos e ao que seremos" (Candau, 2012, p. 59), é que discutiremos ao longo desse texto sobre a formação na educação superior em um contexto de pandemia e isolamento social, observando as especificidades dos sujeitos que recordam, pois só assim é possível perceber características de um processo de formação, unindo passado, presente e vislumbrando o futuro, como bem salientou Candau (2012), quando destacou a função da memória no ato de recordar.

> As relações de si para si mesmo, o trabalho de si sobre si, a preocupação, a formação da expressão de si, supõe um trabalho de memória que se realiza em três direções diferentes: uma memória do passado, aquela dos balanços, das avaliações, dos lamentos, das fundações e das recordações; uma memória da ação, absorvida num presente sempre evanescente; uma memória da espera, aquela dos projetos, das resoluções, das promessas, das esperanças e dos engajamentos em direção ao futuro (Candau, 2012, p. 60)

Essa escrita passa pela reflexão a partir de testemunhos de acontecimentos de um passado recente, ressignificando as experiências vivenciadas no processo de formação no decorrer do tempo. A narrativa se torna fruto das escolhas dos fatos rememorados na sequência de acontecimentos que a lembrança traz à tona, sendo essas escolhas uma prerrogativa do narrador ou narradora. Prado e Soligo (2005) afirmam:

> Com Walter Benjamim, para endossar sua defesa de que somos todos historiadores, quando produzimos histórias, quando relatamos os fatos, quando registramos nossas memórias; que o ato de contar uma história faz com que ela seja preservada do esquecimento, criando-se a possibilidade de ser contada novamente e de outras maneiras; que o sentido das histórias só se constrói no olhar do outro, na relação com outras histórias (Prado; Soligo, 2005, p. 4)

A memória é uma faculdade humana encarregada de reter conhecimentos adquiridos previamente. Seu objeto é um "antes" experimentado pelo indivíduo" (Zilberman, 2010, p. 28). Se apresenta como uma guardiã do passado que se manifesta através da lembrança. Nesse texto, utilizamos o conceito de memória de Regina Zilberman (2010), para nos referirmos a um processo de recordar que é individual e intransferível.

> Memória constitui, por definição, uma faculdade humana, encarregada de reter conhecimentos adquiridos previamente. Seu objeto é um "antes" experimentado pelo indivíduo, que o armazena em algum lugar do cérebro, recorrendo a ele quando necessário. Esse objeto pode ter valor sentimental, intelectual ou profissional, de modo que a memória pode remeter a uma lembrança ou recordação; mas não se limita a isso, porque compete àquela faculdade o acúmulo de um determinado saber, a que se recorre quando necessário (Zilberman, 2010, p. 28).

Os discentes, oriundos dos vários munícipios atendidos pela FECLESC/UECE, na região, viram o sonho de entrar na Universidade e fazer seu curso presencial ser sufocado em decorrência da pandemia da Covid-19, o isolamento social foi inevitável, e nessas circunstâncias, foi necessário um processo de aceitação e adaptação às novas condições impostas sociedade nos mais diversos setores da vida.

Várias foram as questões abordadas nas memórias, no entanto, alguns assuntos

foram recorrentes, dentre eles: medo, morte, saúde mental e formação. Para iniciar essa discussão, destacamos a fala de Luana Maria de Sousa[7], quando chama atenção para as incertezas diante do tempo.

> "O que se faz diante do tempo?" Ao ponderar sobre os anos de 2020 e 2021, penso que por mais difícil que tenha sido o relato desse período tão sombrio para o nosso país, foi imprescindível e significativo que tenhamos sido fortes ao se trabalhar com lembranças tão exaustivas e conflituosas do que muito passamos (Luana, Baú de Memórias, julho de 2021).

A indagação da aluna sobre o tempo nos leva a refletir, sem a pretensão de querer adentrar na seara dos seus vários conceitos, sobre a sua percepção, observando que "o tempo não se deixa ver, tocar, ouvir, saborear nem respirar como um odor. Há uma pergunta que continua a espera de uma resposta: Como medir uma coisa que não se pode perceber pelos sentidos?" (Elias, 1998, p. 07). Falar sobre o tempo, nos dois primeiros anos da pandemia da Covid-19, diz muito sobre as transformações, na vivência cotidiana do período, em que a vida agitada que dominava o cotidiano das pessoas diariamente, e que reclamavam da falta de tempo, sobretudo nas grandes cidades, abre espaço para uma temporalidade em que o tempo parece passar lentamente, imperceptível aos sentidos, porém, recheado pelas angústias, medos e suas consequências.

Entendido aqui como o ato de temer uma determinada ameaça, o medo é uma constante nas memórias e se apresenta das mais variadas formas e motivos, dentre outros, medo do vírus, medo da desinformação, medo de adoecer, medo de perder familiares e entes queridos, a exemplo do que nos fala Walter da Silva Júnior[8] "Nesse período de mais de um ano posso dizer que uma constante para mim foi o medo. Medo de perder as pessoas que amo, medo da desinformação que assola nosso país, isso era uma constante*"* (Walter, Baú de Memórias, julho, 2021).

De acordo com Jean Delumeau (2009), ao longo da história da humanidade, os sentimentos de medo sempre estiveram presentes diante de alguma ameaça, as guerras, a fome, as epidemias, a violência desencadearam ondas de medo coletivos. Foi possível observar esse medo em várias circunstâncias em que as pessoas se encontravam, como nos relata Renata da Silva Lima[9].

> A vida em meio a pandemia era bem diferente, o medo que tínhamos na minha casa era grande já que meu pai trabalhava na ambulância do hospital da minha cidade e convivia na linha de frente, foram dias difíceis, meu pai e minha mãe contraíram a covid, minha mãe carrega sequelas até hoje (Renata, Baú de Memórias, março, 2021).

A pandemia da Covid-19 tomou conta do mundo, pessoas paralisavam diante do medo, nas palavras de Delumeau (2009)

> O termo medo ganha então um significado menos rigoroso e mais amplo do que nas experiências individuais, e esse singular coletivo recobre uma gama de emoções que vai do temor e da apreensão aos mais vivos terrores. O medo é aqui o hábito que se tem, em um grupo humano, de temer tal ou tal ameaça, (real ou imaginária) (Delumeau, 2009, p. 4).

Nas memórias aqui abordadas ele, o medo, está presente a todo momento, em

[7] SOUSA, Luana Maria de. (nome fictício) [março. 2021]. Aluna do curso de História FECLESC/UECE.Acervo particular Baú de Memórias.

[8] JÚNIOR, Walter da Silva. (Nome fictício) [março. 2021]. Aluno do curso de História FECLESC/UECE. Acervo particular do Baú de Memórias.

[9] LIMA, Renata da Silva. (nome fictício) [março. 2021]. Aluna do curso de História FECLESC/UECE. Acervo particular Baú de Memórias.

uns mais, em outros menos, no entanto, ele se estabelece no cotidiano e conduz pensamentos e atitudes diante dos horrores que chegam até as pessoas, sejam através das notícias do rádio, televisão e redes socias, ou vivenciando através dos acontecimentos na família e vizinhos. Nesse sentido, afirma Delumeau (2009, p. 23), "sempre se tem medo da tempestade quando a ouvimos crepitar nas rochas, [...] pois o medo 'nasceu com o homem na mais obscura das eras'. Ele está em nós [...] acompanha-nos por toda nossa existência".

Observa-se, pelo que já foi discutido, que a grande maioria dos medosdecorre de um medo maior, o medo da morte, seja por instinto de sobrevivência ou pela incapacidade humana de compreensão da mesma. A previsão da morte e a ideia da aniquilação da vida conduz o indivíduo ao extremo do pavor. Ao contrário dos outros animais, homens e mulheres tem consciência de sua finitude e dos seus entes queridos, portanto, conhecem o medo no mais alto nível, a exemplo do que nos fala José Vagner Martins[10].

> Mas quando o vírus começou a se espalhar pelo mundo causando morte, parando todo o mundo, passando a ser uma epidemia e posteriormente uma pandemia, me vi sufocado de informações e medo que causava até insônia. Informações essas que abalava tanto o psicológico que cada dor ou outra coisa que sentia no corpo já achava que estava infectado pelo vírus e que o caminho após a infecção era então somente a morte, o medo tomou conta de tudo (Vagner, Baú de Memórias, julho, 2021).

A memória desse aluno destaca o que foi a realidade de muitos na turma. Se sentir sufocado psicologicamente, tendo como consequência sintomas como a insônia, ocorria constantemente. De acordo com um estudo realizado em 2021, que analisou o impacto da Covid-19 na saúde mental de estudantes universitários, problemas psicológicos de várias ordens, afetaram boa parte da população mundial no decorrer do isolamento social.

> As reações psicológicas à crise podem incluir sentimentos de tristeza, medo, opressão, desamparo e raiva, além de dificuldades para se concentrar ou dormir. O medo de entrar em contato com outras pessoas, viajar em transporte público ou entrar em espaços públicos pode aumentar, e algumas pessoas podem ter sintomas físicos, como aumento da frequência cardíaca ou dor no estômago (Gundim. et.al. 2021, p. 2).

A citação destaca os problemas decorrentes do medo do vírus e a necessidade de intervenções psicológicas, pois "cerca de metade dos universitários já enfrentam insegurança, medo, sensação de perda e mudanças de humor como consequências da pandemia, comparativamente aos períodos normais" (Gundim. et.al, 2021, p. 3).

> Apesar das medidas de restrições sociais não serem algo novo, as suas consequências na vida dos estudantes podem causar dor psicológica em diferentes níveis. Estudo descreve que cerca de 15,1% dos estudantes consideraram sentir-se significativamente mais preocupados durante o período pandêmico quando em referência ao período normal, e 38,5% declarou "sentir-se com medo". Outras formas de apresentação do sofrimento psíquico apresentadas foram: sentimentos de falta de conforto, preocupação, inquietação, sentimento de não saber o que fazer, sentir que a vida não tinha sentido ou sentir-se quase a entrar em pânico (Gundim, et.al. 2021, p. 2).

Para além das consequências das medidas de restrições sociais, que podem reverberar em problemas psicológicos em diferentes níveis, é preciso considerar a

[10]MARTINS, José Vagner. (Nome fictício) [março. 2021]. Aluno do curso de História FECLESC/UECE. Acervo particular Baú de Memórias.

vivência cotidiana no isolamento, dentre muitas questões, destacaremos a televisão e as redes sociais.

> As mídias nacionais e internacionais têm veiculado muitas informações a respeito da pandemia e de seus impactos na população. Essas informações são transmitidas diariamente, acompanhando o fluxo das notícias e, de forma inédita, têm aproximado cientistas dos noticiários, em busca de atualizações e de informações confiáveis. Por sua vez, os conhecimentos de base científica relacionados à pandemia da COVID-19 vêm sendo também publicados em nível crescente, conforme a obtenção de resultados de pesquisas e discussões no âmbito científico (Gundim, e*t al*. 2021, p. 2-3).

Importante destacar, que naquele momento de fragilidade, a televisão e as redes sociais eram as formas de comunicação com o mundo externo às residências, não só para o entretenimento, mas também, como meios de informações necessárias, por outro lado, aumentavam a angústia de muitas pessoas. As informações ajudavam nos cuidados e prevenção da doença, assim como mantinham a população informada sobre o que estava acontecendo em várias partes do mundo.

Por outro lado, é preciso se atentar para outras questões importantes a serem destacadas, referentes a atuação da mídia e os impactos na saúde mental dos telespectadores, a exemplo das notícias de contágios e mortes que não paravam de chegar pela televisão e redes sociais. As imagens da morte, o desespero por atendimento e leitos hospitalares, a fome em decorrência do isolamento, dentre outros, eram televisionados diariamente, em todos os canais a todo momento, influenciando negativamente na saúde mental de muitas pessoas.

> As pessoas disputavam leitos por atendimento nos hospitais, até estádios foram usados, mas tudo ficou saturado e nem mesmo os anjos de jaleco conseguiam salvar todas as vidas, e no fim, corpos lotavam cemitérios ao ponto de que valas foram criadas para conseguir comportar os corpos das vítimas que estavam sendo enterradas em caixões lacrados. É inimaginável a dor da perda de um ente querido, mas descobrimos da pior forma que, em temos de coronavirus, ela se agiganta ainda mais. O último adeus nos é negado. Entre parentes e amigos das vítimas falta aquele abraço apertado que ajuda a consolar o pesar. (Vânia, Baú de Memórias, julho. 2021)

Para além de perceber um sentimento de tristeza na fala da aluna Vânia Lima da Silva [11], em relação aos acontecimentos noticiados, as memórias direcionam a discussão para questões religiosas que permeiam os rituais fúnebres. A história ocidental da morte é permeada pelas questões religiosas que a envolve. Mesmo passando por mudanças e atitudes no decorrer do tempo e de sociedade para sociedade, ao longo da história, homens e mulheres sempre buscaram compreender o processo que interrompe o viver.

Na cultura religiosa cristã ocidental, a morte é apenas uma passagem para o Além. Nasce desse processo, as ideias de céu, purgatório e inferno, que são os destinos daqueles que morrem, de acordo com sua conduta aqui na terra (Vovelle, 2010). Dessa forma, é atribuído ao Além a mesma conduta existente entre os vivos (Le Goff, 1995).

O fato é que em torno da morte e do morrer, uma série de questões se apresentam para os cristãos, que vão desde as emoções com a perda dos entes querido, sofrimento, tristeza, etc., até a práticas dos rituais fúnebres necessários para a despedida do morto do plano terreno. É nesse aspecto que a aluna aponta para uma

[11] SILVA, Vânia Lima da. (Nome fictício). [março. 2021]. Aluna do curso de História FECLESC/UECE. Acervo particular do Baú de Memórias.

das mais profundas dores emocionais causadas pela pandemia da Covid-19, a de não ser permitida a despedida do ente querido com todos os rituais de costume.

Outra questão apontada na citação é a falta do acolhimento no processo de luto que também foi negado por conta do isolamento social, um abraço, um aperto de mão, uma palavra de conforto, tão comuns e necessários nesse momento, não eram permitidos. Essa situação causou profundas dores em famílias inteiras que ainda hoje sofrem por não ter feito a devida despedida de seus mortos.

> Como se já não bastasse o medo, a crise, veio as faltas, vou substituir a palavra morte, por "faltas" será melhor assim. Era comum ver nos noticiários centenas de pessoas morrendo, mais confesso que somos tão egocêntricos que a maioria de nós nunca acha possível perder tanta gente em um curto período de tempo, você só se dá conta quanto perde alguém que você ama muito. 05 de maio de 2021 infelizmente um alguém veio a faltar em minha vida, era como se fosse uma mãe pra mim, meu luto foi o mais pesado e intenso possível, as vezes penso que ela só saiu de viagem e logo voltará... (Marcos, Baú de Memórias, julho, 2021)

Trocar o termo morte pelo termo falta, foi a forma que o aluno Marcos Antônio Pereira[12] encontrou para minimizar a dor e a ausência causada pela partida de uma pessoa querida. Por outro lado, o aluno José Vagner Martins[13] se utiliza do termo morte como uma metáfora para destacar o que percebia no contexto daquele momento. *"*Além disso presenciamos uma verdadeira batalha contra um sistema que diariamente nos metralhava com ações que nos levava pouco a pouco a morte, morte da esperança, morte da educação, morte da vida e etc*"* (José Vagner, Baú de Memórias, julho, 2021). Eram tantas as mortes, eram tantas as dores, que muitos buscavam formas de amenizar o sofrimento e de lidar com esse tempo da espera por dias melhores, à exemplo da aluna Tânia de Sousa Almeida[14] que, no início da pandemia, encontrava na escrita um alívio das tensões do momento.

> Infelizmente quando percebi, fez um mês que estávamos em quarentena e os números de novos casos e de mortes só aumentavam. No início eu procurava formas de desabafar sobre o que estava sentindo em relação a cada mês que passava e continuávamos presos a isto, então eu escrevia em um diário, dia após dia sobre meus sentimentos, no começo confesso que me ajudou bastante, mas depois fiquei cansada até disto. Às vezes ainda parecia que estávamos vivendo um filme de terror, era meio inacreditável, mas acho que quando pessoas conhecidas minhas ou de minha família faleceram em decorrência do vírus a ficha começou a cair pra valer. É um sentimento de tristeza profunda saber de tal notícia. (Tânia, Baú de Memórias, julho, 2021)

É possível observar nas memórias já citadas, o quanto a pandemia da Covid-19, e todos os acontecimentos decorrentes, afetou a saúde mental desses alunos e alunas em um momento que deveria ser de alegria, por estar iniciando uma nova fase na vida que supunha uma formação acadêmica, no entanto, viram seus sonhos serem interrompidos momentaneamente. Como conseguiram lidar com a questão da educação no isolamento social? O que pensam sobre o ensino remoto?

> O ano de 2020 seria um ano de mudanças pra mim, pois tinha finalmente passado no vestibular da UECE, especificamente no curso de História, que eu sempre quis cursar. Eu havia passado um ano somente

[12]PEREIRA, Marcos Antônio. (Nome fictício) [março. 2021]. Aluna do curso de História FECLESC/UECE. Acervo particular Baú de Memórias.

[13]Nome fictício.

[14]ALMEIDA, Tânia de Sousa. (Nome fictício). [março. 2021]. Aluna do curso de História FECLESC/UECE. Acervo particular Baú de Memórias.

> estudando para o vestibular e para o ENEM, e ansiava muito com a aprovação. Porém todos os meus planos se modificaram em virtude do Covid-19, sem a possibilidade de aulas presenciais e devido ao fechamento da Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central, assim como outros locais, o único modo encontrado para que fosse realizado o início das aulas foi por meio do ensino remoto (Ângela, Baú de Memórias, julho, 2021)

A aluna Ângela da Silva Gomes[15] aponta em seu relato, a frustração que sentiu naquele momento ao ter seu sonho de frequentar as salas de aula da universidade interrompido momentaneamente em decorrência da pandemia. No dia 16 de março de 2020, o governo do Ceará decretou situação de emergência devido ao aumento dos casos de Covid-19[16].

> Art. 3º Ficam suspensos, no âmbito do Estado do Ceará, por 15 (quinze) dias:
> I - eventos, de qualquer natureza, que exijam prévio conhecimento do Poder Público, com público superior a 100 (cem) pessoas;
> II - atividades coletivas em equipamentos públicos que possibilitem a aglomeração de pessoas, tais como shows, cinema e teatro, bibliotecas e centros culturais;
> III - atividades educacionais presenciais em todas as escolas, universidades e faculdades, das redes de ensino pública, obrigatoriamente a partir de 19 de março, podendo essa suspensão iniciar-se a partir de 17 de março (Ceará, 2020)

A partir desse momento, tem início o que passou a ser denominado de ensino remoto, seguindo portaria nº 343, de 17 de março de 2020, do Ministério da Educação e Cultura (MEC), que dispôs sobre a substituição das aulas presenciais por meios digitais. Essa orientação foi endossada pelo Conselho Nacional de Educação (CNE), através de um parecer de 28 de abril de 2020, favorável a reorganização dos calendários letivos.

Porém, mesmo cientes das necessidades de tais medidas, é preciso ressaltar que foram tão extenuantes que interferiu diretamente no desenvolvimento cognitivo dos estudantes de todos os níveis educacionais do país. No ensino superior, a exemplo dos cursos de licenciaturas, esse é um fato a ser considerado, pois se trata da formação de futuros professores.

> Estou prestes a terminar meu segundo semestre na faculdade, até então tudo se realizou de maneira remota, mas a pergunta é: como eu me senti? De início eu estava animado para começar, mas ao decorrer de tudo, a única sensação que eu possuía é a de artificialidade. Eu não me achava um verdadeiro estudante universitário, sentia um vazio ao olhar para uma tela de computador quase todo dia e chamar aquilo de ideal. Contudo, creio que eu não seja o único a pensar dessa maneira, já que o isolamento social forçou quase todos a viver diante de tamanha circunstância. É curioso pensar que estudei por quase um ano com pessoas desconhecidas, mas o fato mais marcante é o quanto eu não me espantei por isso. Talvez toda essa falta de interação social que a pandemia e o ensino remoto trouxe tenham se tornado o motivo pelo sentimento de artificialidade que eu senti nesses dois semestres. (Jonas, Baú de Memórias, Julho, 2021)

A fala do aluno Jonas Freitas Alves[17] é significativa e compartilhada com

[15] GOMES, Ângela Silva. (Nome fictício) [março. 2021]. Aluna do curso de História FECLESC/UECE. Acervo particular Baú de Memórias.

[16] Maiores informações: CEARÁ. Decreto nº 33.510, de 16 de março de 2020. Dispõe sobre medidas para o enfrentamento e contenção da infecção humana pelo novo coronavírus. Disponível em: https://www.ceara.gov.br/wp-content/uploads/2020/04/DECRETO-N%C2%BA33.510-de-16-de-mar%C3%A7o-de-2020.pdf.Acesso em: 27 Agos. 2023.

[17] ALVES, Jonas Freitas. (Nome fictício) [março. 2021]. Aluno do curso de História FECLESC/UECE. Acervo particular Baú de Memórias.

os demais colegas da turma. A frustração, o desânimo e a falta de perspectiva decorrentes de todas as questões já apontadas nesse texto, contribuiu para a evasão nas instituições de ensino.

> É uma realidade difícil estar estudando sem sentir a presença dos colegas do lado, sem conseguir olhar no olho de cada aluno e professor, de sentir o cheiro ou a energia de estar passando pelos portões da universidade e entrar na sala de aula (José Vagner, Baú de Memórias, julho, 2021)

No entanto, nessa turma especificamente, mesmo à distância e sem se conhecerem pessoalmente, criaram laços de amizade significativos para o momento. Se por um lado contribuiu como uma rede de apoio entre os discentes, por outro, tornava ainda mais dura aquela realidade de não poder desfrutar da companhia presencial dos colegas, professores e professoras da faculdade.

> Devo ressaltar que estudar de forma remota requer muita disciplina, e principalmente num cenário envolto por um pouco mais de meio milhão de mortes, o nosso emocional fica abalado, e a incerteza de um futuro estável torna-se um pensamento corriqueiro. Algo que eu gostaria de deixar claro é que, até o momento de descrever esta memória, não conheço pessoalmente nenhum de meus colegas de turma, o que é uma triste cicatriz desse período pandêmico, exatamente dois semestres se passaram e nós encaramos essa realidade. (Caio César, Baú de Memórias, julho, 2021)

É preciso considerar que, para além do cognitivo, o emocional tem um papel importante no desenvolvimento das habilidades e competências necessárias na formação discente, principalmente de futuros professores e professoras.

> As habilidades não cognitivas são habilidades que compreendem construtos de diferentes categorias, tais como atitudes, crenças, qualidades emocionais e sociais e traços de personalidade. Tais categorias compreendem diversas habilidades e competências e, frequentemente, estão associadas ao constructo da competência socioemocional (Marin, *et. al.* 2017, p. 92).

Diante do exposto, faz-se necessário pensar a formação desses futuros professores e professoras. Nessas circunstâncias, é possível pensar em uma futura identidade docente? Para responder a esse questionamento, salientamos que apesar dos discentes aqui destacados, terem enfrentado um processo pandêmico, com todas as suas consequências, é preciso lembrar que a formação da identidade é um processo, assim sendo, para pensar a construção dessa identidade é importante levar em consideração o percurso de formação desde as primeiras experiências com a educação que, juntamente com as vivências sociais e culturais, conduzem a formação do pensamento, do conhecimento, das visões de mundo e das escolhas futuras.

> A formação do professor começa muito antes da escolha profissional, nas primeiras experiências na escola, nos primeiros cursos [...] e é por isso que, não raro, são as experiências e representações anteriores à prática de ensino, anteriores mesmo ao curso de graduação que determinam o desempenho do professor: ora é um mestre que, de alguma maneira, tenha marcado a infância ou a adolescência, ora são as primeiras experiências com aulas em que se revelam os principais responsáveis pela construção de imagens que, embora em constante movimento, permanecem no inconsciente (Coracini, 2000 *apud* Eckert, 2004, p.26).

É importante observar a história pessoal e as experiências vivenciadas por se configurar como o princípio da construção da identidade, que por sua vez pode ser ressignificada de acordo com as

transformações sociais do presente e as que virão.

De acordo com Moreira e Cunha (2008), no que se refere ao conceito de identidade, é preciso observar na contemporaneidade, a partir do fenômeno da globalização, do surgimento das novas tecnologias, dos meios de comunicação, dentre outros, que pautam as transformações sociais, políticas, culturais e econômicas pelas quais a sociedade é conduzida e que reflete diretamente na compreensão de novas posições identitárias que apontam para padrões globais, assim como a reafirmação de identidades locaise a construção de novas posições identitárias.

Nesse sentido, o conceito de identidade está pautado também pela diferença entre o outro e o eu, nessa dinâmica de compreensão do global e do individual. Portanto "a identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. [...]. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais" (Silva, 2000, p. 76). Essa premissa conduz ao clássico pensamento de Stuart Hall (2006) sobre homens e mulheres contemporâneos, que não são dotados de uma identidade fixa ou permanente, como bem salienta o autor

> A identidade torna-se uma celebração móvel": formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall, 1987). E definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é a penas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora "narrativa do eu" (veja Hall, 1990). A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar ao menos temporariamente (Hall, 2006, p. 13).

Partindo da compreensão de Stuart Hall (2006), não existe uma identidade imutável, ao contrário, as identidades estão em constantes transformações, de acordo com as mudanças da sociedade ao longo do tempo e das demandas decorrentes. Essa reflexão se torna importante para pensar a identidade docente em que a educação se molda às demandas da sociedade que está inserida. Desse modo, a compreensão é de uma docência na/e para a sociedade, pois "sobre a vida profissional dos professores, é necessário lembrar o sentido do trabalho humano e, em decorrência, a influência que as profissões exercem sobre a vida das pessoas" (Pimenta; Lima, 2017, p. 53).

Desse modo, a identidade se constrói como um processo social de sujeitos historicamente situados a partir das experiências vivenciadas e do significado atribuído a elas no exercício da profissão, assim como das condições sociais e econômicas que lhe são inerentes. A esse respeito, Pimenta e Lima (2017) afirmam

> A construção e o fortalecimento da identidade e o desenvolvimento de convicções em relação à profissão estão ligados às condições de trabalho e ao reconhecimento e valorização conferida pela sociedade à categoria profissional. Dessa forma, os saberes, a identidade profissional e as práticas formativas presentes nos cursos de formação docente precisam incluir aspectos alusivos ao modo como a profissão é representada e explicada socialmente. (Pimenta; Lima, 2017, p. 54).

Pensar essa identidade passa também por questões relativas à valorização

profissional, social, institucional, etc. Porém, na essência da docência está a compreensão da prática reflexiva sobre a realidade social, que nos põe na responsabilidade de sermos agentes da construção de um novo olhar da sociedade sobre os docentes. Nesse sentido, Pimenta e Lima (2017) salienta

> A formação passa sempre pela mobilização de vários tipos de saberes: saberes de uma prática reflexiva, saberes de uma teoria especializada, saberes de uma militância pedagógica, o que põe os elementos para *produzir a profissão docente*, dotando-a de saberes específicos que não são únicos, no sentido de que não compõe um corpo acabado de conhecimentos, pois os problemas da prática profissional docente não são meramente instrumentais, mas comportam situações problemáticas que requerem *decisões* em um terreno de grande complexidade, incertezas, singularidades e de conflito de valores. (Pimenta; Lima, 2017, p. 57).

É preciso sempre acreditar na profissão e na certeza da sua importância social, mas com a compreensão de que "essa profissão se situa na contradição do discurso da valorização do Magistério e das políticas de educação que normatizam inovações sem levar em conta as relações de trabalho dos professores" (Pimenta; Lima, 2017, p. 53), reside neste fato, a importância da crítica social e da militância pedagógica.

Considerações finais

O isolamento social e o ensino remoto retiraram dessa turma a alegria de poder compartilhar conhecimentos, reflexões, convivências, amizades e tudo que um adolescente, no início da sua formação vivencia, na convivência diária, com colegas e professores, nas salas de aula e outros espaços universitários. Durante a pandemia da Covid-19, muitas foram as dificuldades, as angústias, os medos, as mortes e os problemas emocionais decorrentes. Porém, é preciso salientar que, mesmo com todas essas questões salientadas, esse período se apresenta apenas como parte do processo de formação, que ficou marcado com tudo que lhe é inerente, mas que com o fim da pandemia, para a grande maioria, foi possível se reinventar e buscar vivenciar tudo aquilo que lhes foi negado naquele momento.

É importante refletir a partir da percepção de que se aprendemos a ler palavras, somos capazes de ler a alma humana, de enxergar o outro nas suas dificuldades, nas suas batalhas individuais e internas, de exercitar a empatia e sobretudo, auxiliar no processo de desenvolvimento, não só cognitivo, mas também emocional.

É de grande relevância compreender inicialmente a concepção de que a educação por si só não se fortalece, tampouco empodera os sujeitos sociais. Ela necessita do protagonismo de todos os envolvidos para que permeie um paralelo entre o macro e o micro.

Durante essa caminhada, cada aprendizado se torna importante na busca de uma melhor percepção do mundo que nos cerca, ao mesmo tempo que contribui para pensar a profissão e a importância dela para a formação de um mundo melhor. Pensar a educação a partir da sua própria dinâmica de transformação histórica e social é um caminho para a compreensão do nosso papel na sociedade, seja qual for o momento vivenciado e os seus problemas decorrentes.

Portanto, é uma construção de si enquanto profissional a partir da sua formação e das influências no decorrer da caminhada, não somente os medos, as angústias, as dificuldades, mas também, os valores, as crenças, as teorias, o conhecimento da disciplina de formação, os interesses, os desafios etc.

Assim sendo, a identidade é formada por uma rede complexa de experiências ao longo da caminhada de formação até a formação docente, nesse

sentido "é preciso entender o conceito de identidade docente como uma realidade que evolui e se desenvolve, tanto pessoal como coletivamente" (Marcelo, 2019, p. 112), e que essa metamorfose é realizada de acordo com as demandas sociais, políticas, culturais e econômicas de uma dada sociedade.

Referências

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BUENO, Flávia Thedim Costa; SOUTO, Ester Paiva;MATTA, Gustavo Correia. Notas sobre a trajetória da Covid19 no Brasil. *In:* MATTA, Gustavo Correia; REGO, Sérgio; SOUTO, Ester Paiva; SEGATA, Jean. (org). **Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil**: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia [online]. Rio de Janeiro: Observatório Covid 19; Editora FIOCRUZ, 2021, pp. 27-39. Informação para ação na Covid-19 series. ISBN: 978-65-5708-032-0. Disponível em: https://doi.org/10.7476/9786557080320.0002. Acesso 12 de agosto de 2023.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.

DELUMEAU. Jean. **História do medo no ocidente**. 1300-1800 Uma cidade sitiada. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

ECKERT, Beatriz Maria. **O falar de si como (des)construção de identidades e subjetividades no processo de formação do sujeito-professor**.2004. 186 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

GUNDIN, Vivian Andrade; ENCARNAÇÃO, Jhonatta Pereira; SANTOS, Flávia Costa;SANTOS, Josenaide Engracia; VASCONCELOS, Érica Antunes; SOUZA, Rosemere Cardoso. Saúde mental de estudantes universitários durante a pandemia de COVID-19. **Revista baiana enfermagem**. 2021. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/37293. Acesso em: 12de agosto de 2023.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006

LE GOFF, Jacque. **O imaginário medieval**. Portugal: Editora Estampal, 1994

MARIN, Ângela Helena *et al.* Competências Socioemocionais: conceitos e instrumentos associados. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas,** v.3, n.2, p.92-103, 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872017000200004 . Acesso: 11 de julho de 2023.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; CUNHA, Regina Celi Oliveira da. A discussão da identidade na formação docente. **Revista Contemporânea de Educação**. v. 3, n. 5, 2008. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/1538.html. Acesso em: 14 de agosto de 2023.

PIMENTA, Selva Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. São Paulo: Cortez, 2017.

PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura. PRADO, Memorial de Formação: quando as memórias narram a história da formação. *In:* Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura. (Orgs.). **Porque escrever é fazer história:** revelações, subversões, superações. 2.ed. Campinas:GRAF,2005.

SILVA, Marcos; FONSECA, Selva. **Ensinar história no século XXI:** em busca do tempo entendido. 4.ed. Campinas: Papirus, 2012.

VOVELLE, Michel**. As almas do purgatório ou o trabalho do luto**. Tradução, Aline Meyert e Roberto Cattani. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

ZILBERMAN, Regina. Práticas Narrativas.; Oralidade e memória. *In:* TETTAMANZY, Ana Lucia Liberato.; ZALLA, Jocélio.; D`AJELLO, Luiz Fernando (Orgs.). **Sobre as poéticas do dizer**: pesquisas e reflexões em oralidade. São Paulo: [s.n.], p. 28-41,2010.